

Geografia e cultura: um diálogo permanente nos textos literários

Liana Macabu de Sousa Soares

A metáfora do rio no percurso da Literatura Brasileira, no qual são analisados textos literários que utilizam a imagem do rio como fonte de inspiração.

A primeira parte desta pesquisa ocorreu entre agosto de 2003 e julho de 2004. Foram analisados neste período poemas que utilizam a imagem do rio como metáfora ou como sujeito do texto. Na segunda fase, que iniciamos em setembro de 2004, estamos analisando textos em prosa que também se utilizam desta paisagem.

Ao recolher os poemas, na primeira fase da pesquisa, observamos que uma análise pautada somente na Literatura não abrangeria todo significado do rio, que se pretendia demonstrar. Precisamos então, inserir a Geografia neste contexto. A partir desta inserção descobrimos uma vertente geográfica ainda desconhecida por nós e pouco estudada no Brasil, a Geografia Cultural.

Desde então, a Geografia Cultural tem-nos auxiliado muito na análise da simbologia do rio e da sua importância para a cultura, não só das populações ribeirinhas mas da população brasileira em geral.

Nesta primeira fase da pesquisa foram recolhidos mais de cem poemas de autores como: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes, Adélia Prado, Cora Coralina, entre outros, inclusive alguns desconhecidos pelo grande público e pela academia.

Vamos observar alguns poemas por nós recolhidos que utilizam a paisagem do rio em seu sentido literal ou em sentido metafórico.

Soneto do amor como um rio

Vinícius de Moraes

Este infinito amor de um ano faz
Que é maior do que o tempo e do que tudo
Este amor que é real, e que, contudo
Eu já não cria que existisse mais.
Este amor que surgiu insuspeitado
E que dentro do drama fez-se em paz
Este amor que é o túmulo onde jaz
Meu corpo para sempre sepultado.
Este amor é como um rio; um rio
Noturno, interminável e tardio
A deslizar macio pelo ermo
E que em seu curso sideral me leva
Iluminado de paixão pela treva
Para o espaço sem fim de um mar sem termo.

Neste poema do sonetista neo-romântico Vinícius de Moraes, o rio surge como o símile do amor maduro experimentado, o infinito amor de um ano. A similitude entre esse amor e o rio está nos atributos: noturno, interminável e tardio.

O amor, nesse caso, chega ao poeta na maturidade, razão que faz com que a vivência amorosa deslize macia, marcada pelo jogo poético de espaços e sentidos opostos: ermo X sidério (céu), iluminado X trevas e espaço X mar.

Comparação

Moacyr Sacramento

Um rio que corresse uma só margem,
de certo, causaria enorme espanto.
E todos os que o vissem de passagem
haveriam de ouvir-lhe o triste canto.
Um melro que voasse na pastagem,
unialado Quem sabe por encanto
para quantos o vissem na folhagem
havia de cantar seu triste canto.
Mas a mim ninguém ouve Deus! Que pena!
e, de me olhar, ninguém fica espantado.
Talvez porque não possam ver a cena
absurda de meu mundo interior:
Um rio... Um melro... todo mutilado,
de canto triste por não ter amor.

Também explorando a comparação, o símile, o poeta Moacyr Sacramento utiliza-se da imagem de um rio com apenas uma margem para descrever a experiência do eu-lírico que se sente incompleto, mutilado, triste porque lhe falta a outra margem, o amor que ainda não encontrou.

Rio na sombra

Cecília Meireles

Som
frio.
Rio
sombrio.
O longo som
do rio
frio.
O frio
bom
do longo rio.
Tão longe,
tão bom,
tão frio
o claro som
do rio
sombrio!

Neste belo poema de Cecília Meireles observamos o jogo fonológico com as vogais que compõem o vocábulo rio. A poeta mistura sensações sonoras, táteis e visuais utilizando repetidamente os grupos consonantais br e fr, além da nasalidade vocálica om para expressar a sombra.

A conclusão a que chegamos nesta primeira fase da pesquisa é que a Geografia, na sua vertente cultural, pode dialogar com a Literatura. A nossa conclusão nada tem de ineditismo apenas ressalta e faz aflorar a vontade de que esse diálogo realmente ocorra. Alguns geógrafos já o fazem mas, como diz Roberto Lobato Corrêa em seu artigo "Geografia, Literatura e Música popular uma bibliografia", Apesar dessa espacialidade a literatura e a música popular não têm se constituído em temas preferenciais entre os geógrafos, especialmente no Brasil. Ao contrário dos outros cientistas sociais, para quem a literatura e a música popular são objetos de investigação, os geógrafos brasileiros, com poucas exceções e muito recentemente, não incorporaram essas expressões culturais em suas investigações. Entre os geógrafos brasileiros mencionam-se Bastos, Haesbaert e Monteiro, no que diz respeito à literatura; quanto à música popular mencionam-se Mello e Mesquita.